



IRREGULARIDADE

Estudantes da rede pública que receberam óculos menores do que o indicado sofrem dores de cabeça e são motivo de piada na escola

Nada a ver na escola

Ricardo Borba



PHILLIPE SOARES EXPERIMENTA MODELO SIMILAR AO COMPRADO PELO GOVERNO: NÃO CABE NO ROSTO

Ana Lucia Moura
Da equipe do **Correio**

Quando soube que a filha receberia um par de óculos da Fundação Educacional sem qualquer custo para a família, Irenise Souza Pires, 28 anos, ficou radiante. Estava cansada de ouvir a filha, Hágata Lays, 8 anos, reclamar de fortes dores de cabeça. Sabia também que a menina tinha dificuldades para assistir a aulas na escola por causa do problema de visão.

Aluna do Centro de Ensino 12 de Santa Maria, Hágata Lays foi encaminhada ao Programa de Saúde Escolar. Após a consulta oftalmológica, feita no Caic do Gama, agentes de saúde do programa informaram que os óculos de Hágata seriam entregues em 15 dias. A menina esperou sete meses. E quando os óculos finalmente chegaram, em abril deste ano, veio a decepção. Eram muito pequenos. “Não servem no meu rosto, mamãe”, disse Hágata, ao receber os óculos. A mãe tentou amenizar. “Serve sim, filha. A gente dá um jeitinho”, consolou-a Irenise.

O jeitinho foi forçar as hastes da armação para fora e encaixar no rosto da menina. Mesmo assim, Hágata até hoje se queixa de que os óculos apertam no nariz. Também reclama que as dores de cabeça continuam. Como se não bastasse, Hágata tem de aguentar ainda piadinhas dos

colegas da escola. “Eles me chamam de *garrafinha* porque meus óculos são pequeninos e parecem fundo de garrafa”, conta a menina.

Hágata ainda enfrenta outro problema. Dentro de quatro meses, os óculos estarão vencidos. A receita tem validade de um ano e dois meses. “O jeito vai ser mesmo comprar um óculos”, afirma Irenise, embora reconheça que dificilmente poderá ter essa despesa. Ela é dona de casa, mãe de mais três filhos e dependente do INSS, desde que o marido parou de trabalhar por causa de problemas cardíacos.

As falhas no fornecimento de óculos para alunos da rede pública somam-se ao drama dos estudantes com dificuldade de visão. Ocimar Almeida Barreto, 32 anos, está há quase um mês na fila de espera da Fundação Educacional para o sobrinho, Phillipe Soares, seis anos. O menino tem miopia e usa óculos há dois anos, que custaram caro à família. “Pagamos R\$ 120, mas agora os óculos venceram, o grau dele aumentou e não temos dinheiro para comprar um novo”, explica Ocimar, contando que a mãe do menino é diarista e ganha cerca de um salário mínimo. Ontem Phillipe foi atendido no posto da Escola Parque da 308 Sul. Em quinze dias, poderá enxergar normalmente. Se receber uma armação adequada para crianças de dez anos.